



História da educação dos imigrantes italianos e alemães: perspectivas transnacionais

History of Italian and German immigrants' education: transnational perspectives

Patrícia Weiduschadt

Orcid: 0000-0001-6804-7591

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil. Email: prweidus@gmail.com

Renata Castro

Orcid: 0000-0002-5724-6621

Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Email: recastro@usp.br

DOI: 10.21680/2596-0113.2023v6n1ID34763

Citation: Weiduschadt, P.; Castro, R. (2023). História da educação dos imigrantes italianos e alemães: perspectivas transnacionais. *History of Education in Latin America - HistELA*, 6(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/34763>

Competing interests: The author have declared that no competing interests exist.

Editor: Olivia Morais de Medeiros Neta

Received: 05/12/2023

Approved: 28/12/2023

OOPEN ACCESS

Resumo:

Este artigo objetiva abordar as potencialidades do uso da perspectiva da *global history* e do transnacional nos estudos sobre imigração e história da educação, a partir dos grupos imigratórios italianos e alemães que se dirigiram ao Brasil nos séculos XIX e XX e da organização de instituições escolares. Tal abordagem demonstrou que as escolas étnicas italianas e alemãs foram permeadas por preceitos conectados a distintas realidades – o local de origem dos imigrados e o solo brasileiro –, evidenciando a potencialidade do uso das teorias em análise nas pesquisas sobre história da educação dos imigrantes.

Palavras-chave: História transnacional da educação. Imigração. Escolas alemãs. Escolas italianas.

Abstract

This paper aims to discuss the potential uses of the global history and transnationality perspective in studies about education immigration and history from Italian and German immigratory groups that headed to Brazil in the 19th and 20th centuries and of the organization of school institutions. Such approach showed that Italian and German ethnic schools were permeated by precepts related to different realities – origin place of immigrants and Brazilian land –, showing the potential for using theories under analysis in research about education history of immigrants.

Keywords: Transnational history of education. Immigration. German schools. Italian schools.

Introdução

O presente artigo objetiva discorrer sobre o uso e a potencialidade da categoria do transnacional e da teoria da *global history* em estudos que têm como temática a história da educação dos imigrantes, em especial as escolas étnicas criadas e organizadas pelos grupos italianos e alemães que se instalaram no sul do Brasil, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX¹. Esta investigação se justifica pelo entendimento de que o uso de tais teorias e categorias nas pesquisas com as temáticas citadas pode auxiliar na análise das fontes mobilizadas, assim como no delineamento de um campo ainda pouco explorado pelos pesquisadores brasileiros – a história da educação dos imigrantes.

Para empreender tal objetivo, será realizada, inicialmente, uma discussão acerca dessas categorias e teoria, dos estudos que existem sobre o assunto na área da História da Educação e da imigração e das poucas pesquisas que fizeram uso desses pressupostos entrelaçando as duas temáticas, a história da educação e a imigração. Na sequência, será exemplificado o uso das referidas teorias com algumas pesquisas que realizamos. Portanto, este não é um artigo que visa propor teorias ou averiguar empirias. Não se pretende realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a temática nem analisar determinadas fontes de pesquisa sobre determinado assunto, mas potencializar e discutir o uso da teoria da *global history* e da categoria do transnacional em pesquisas acerca da escolarização de grupos de imigrantes. De forma específica, objetiva-se exemplificar tal questão a partir dos grupos imigratórios de italianos e de alemães que se dirigiram para o Brasil entre o século XIX e o início do XX e da organização de instituições escolares. Não serão abordados todos os espaços e lugares nos quais os imigrantes se instalaram; de forma pontual, serão mencionados alguns municípios do estado do Rio Grande do Sul, localizados na região meridional do Brasil.

Para contemplar todas as discussões ora propostas, este artigo está organizado em dois tópicos. No primeiro, discutem-se a teoria e as categorias supracitadas. No segundo tópico, delinea-se como utilizamos esse suporte teórico em nossas pesquisas sobre os processos imigratórios de descendentes de italianos e de alemães e a escolarização.

A *global history* e a história transnacional

O Brasil, durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do XX, recebeu um grande fluxo de imigrantes de diversas origens, entre eles italianos, alemães, franceses e japoneses. Muitos desses imigrantes e seus descendentes foram protagonistas da formação do que se convencionou denominar escolas étnicas. Conforme Luchese (2007), as escolas étnicas eram responsáveis por ministrar aulas elementares, nas quais se ensinavam as primeiras noções de leitura, escrita e cálculo. Diversas foram as características e as tipologias dessas instituições, tais como os contextos de criação e os grupos mantenedores das escolas. Embora cada grupo étnico emigrado para o Brasil tenha suas particularidades e não deva ser analisado como um grupo homogêneo de imigrantes, alguns elementos em comum podem ser discutidos para pensar sobre o processo de escolarização desses grupos étnicos – no caso deste artigo, os italianos e os alemães.

Nos últimos anos, aumentaram os estudos acerca da temática da história da educação dos imigrantes que vieram para o Brasil.

Após os primeiros estudos, realizados por Lucio Kreutz, que investigou processos de escolarização étnica de migrantes alemães no estado do Rio Grande do Sul, nos últimos quinze anos, a atenção à história dos processos educacionais em diferentes contextos étnicos e culturais passou por grande expansão (Ascenzi *et al*, 2019, p. 230, tradução nossa).

As pesquisas que têm por foco a escolarização dos imigrantes não são uma novidade, existindo estudos já consolidados sobre diversos grupos de imigrantes e seus descendentes no Brasil. No entanto, a grande maioria desses estudos faz uso de outras teorias e conceitos que não os mencionados neste texto. A esse respeito, cabe salientar que identificar e refletir sobre o uso de tais teorias e categorias não significa dizer que outras perspectivas teóricas não sejam relevantes ou que haja uma hierarquia – cada teoria e/ou categoria pressupõe especificidades, vantagens e, até mesmo, desvantagens. Na maior parte dos casos, a opção por uma ou outra abordagem dependerá dos objetos de pesquisa, das fontes investigativas disponíveis e da maneira escolhida para analisá-las, pois, como salienta Warde (2019, p. 117), “[...] não há espaços e tempos fixos, nem abordagens ‘globais’ e ‘locais’ que devam ser prévia e obrigatoriamente estabelecidos [...]”.

A *global history* é uma vertente historiográfica que foi pouco utilizada nas pesquisas de cunho histórico-educacional brasileiras, embora haja vários campos e temas passíveis de serem analisados a partir dessa teoria do transnacional, que surgiu como uma crítica ao nacionalismo metodológico, isto é, a um modo de pensar e fazer historiográfico que coloca a história nacional como ponto de partida da análise. Para Conrad (2015, p. 27, tradução nossa), “A história global visa se destacar do nacionalismo metodológico. Com isso não se destina apenas um olhar restrito, voltado para a linha de frente dos eventos dentro de sua comunidade nacional [...]”. Entretanto, conforme o autor, se, por um lado, a história global é uma crítica ao chamado nacionalismo metodológico, por outro, não despreza os aspectos nacionais, buscando, na verdade, a integração desses dois aspectos.

Rosoli (1992) explica que, em uma tentativa de superar os limites de uma abordagem de âmbito nacional, alguns pesquisadores se voltaram à história comparada nos anos 60 e 70 do século XX, seja em nível macro ou em nível micro. Nesse sentido, ganharam espaço as pesquisas que buscavam comparar grupos imigratórios italianos quanto a diferentes fatores e em diversas localidades, desenvolvendo-se, posteriormente, os estudos de história global e transnacional. Para Conrad (2015), a história global é uma abordagem histórica, o que não quer dizer que se aplica a todas as pesquisas e a todos os campos de investigação, mas que é apropriada a algumas temáticas, tendo como ponto de partida a circulação de ideias, coisas, pessoas e instituições. No centro das discussões, estão os processos transnacionais, as relações de troca e os confrontos em relações globais (Conrad, 2015). Não se trata de analisar grandes espaços geográficos, mas de enquadrar os locais e as regiões pesquisadas em um contexto mais amplo. Dessa maneira,

[...] a história global define uma forma de análise histórica na qual fenômenos, eventos e processos são enquadrados em contextos globais. Isso não significa necessariamente que a investigação seja estendida a todo o globo terrestre; para muitos temas, os pontos de referência serão mais limitados. Isso também significa que a maioria das abordagens da história global não procura substituir o paradigma histórico-nacional estabelecido por uma totalidade abstrata do “mundo”, isto é, escrever uma história total do globo.
Muitas vezes, é mais fácil a historiografia de áreas limitadas, portanto

não “globais”, mas com uma consciência das relações globais [...] (Conrad, 2015, p. 18, tradução nossa, grifo nosso).

Este é o ponto de vista que buscamos abranger em nossas pesquisas: não procuramos abarcar a imigração em contextos macros. Intencionamos observar a imigração no sul do estado do Rio Grande do Sul a partir de uma perspectiva mais ampla da imigração, considerando as relações globais e, para usar a expressão de Conrad (2015), conscientes dessas relações globais.

Outro elemento relevante acerca da *global history* é que ela pode ser realizada a partir de fontes e obras originais de arquivos, tais como as utilizadas nas pesquisas que realizamos. Para Subrahmanyam (2017, p. 236), um importante estudioso do campo, é preciso,

[...] desde o princípio, desconsiderar a ideia de que se trata majoritariamente de uma área em que a síntese sempre prevalece em vez de uma pesquisa que utiliza arquivos ou obras originais. Isso significa que é impossível escrever uma história global a partir do nada ou – como alguns chegaram a propor – adotando uma perspectiva “extraterrestre”. Como qualquer historiador continuo atraído por lugares e espaços definidos, e meu conhecimento é o produto direto da formação de obras, arquivos e imagens. No entanto, esses materiais não se limitam a um espaço nacional [...].

Há várias temáticas que podem ser analisadas a partir dessa teoria, a exemplo da imigração e da mobilidade humana. Entretanto, somente o fato de pesquisar esse tema não significa, de forma natural e direta, que seja uma análise pautada na história global; para isso, é necessário o enquadramento da pesquisa dentro de uma perspectiva global – e por global não se entende o mundo inteiro, como bem explicou Conrad (2015). Alguns autores, tais como Giovagnoli (2003), Fiori e Meriggi (2011), Conrad (2015) e Rocha (2015), apontam a história global como uma das novas tendências historiográficas, ou seja, uma das novas rotas da história. Por sua vez, Douki e Minard (2007, p. 07) defendem que a história global, assim como as circulações e as conexões, exerce hoje “*une incontestable séduction*”.

Para Conrad (2015, p. 20, tradução nossa), “[...] a história global é então, antes de tudo, uma perspectiva [...]”, a qual fornece base teórica para que os estudos sejam inseridos dentro de um contexto mais amplo. Conrad (2015) explica, ainda, que as abordagens da história global e da história transnacional aparecem, também, promovidas por uma mudança geracional e, em alguns países, influenciadas pela internacionalização do trabalho acadêmico. O contato entre pesquisadores de diferentes nacionalidades é um ponto que influenciou o uso de tais abordagens em investigações acadêmicas.

Nesse sentido, Rosoli (1992, p. 07) define a história global como

[...] uma abordagem global porque coloca cada migração em um contexto mundial mais amplo, onde regiões industriais emergentes criam demanda por mão de obra imigrante. O emigrante então se move em um palco de grande amplitude para destinos espalhados em muitos continentes (tradução nossa).

Um ponto fundamental para o uso da história global é compreender que não se trata necessariamente de orientar a pesquisa de maneira macroscópica:

Pode parecer um paradoxo, mas a dimensão global que muitos concebem apenas através de uma árdua visão planetária ou mundial, também pode ser perseguida de maneira eficaz e, talvez, sobretudo a partir do tamanho e foco territorial. É uma afirmação que pode parecer contraditória apenas para aqueles que consideram a dimensão local em oposição à global; mas, na

realidade, como já mencionado, as duas perspectivas não pertencem necessariamente à mesma escala; pelo contrário, as aberturas, convergências e simbioses que constituem a essência da história global também podem ser alcançadas a partir da concretude e apreensão de realidades limitadas e próximas (Dondarini, 2005, p. 104, tradução nossa).

Dessa forma, ao estudar os processos escolares e educativos dos imigrantes de origem italiana e alemã, procuramos perceber e compreender realidades e os contextos locais, sem, contudo, desconsiderar e menosprezar o fato de que esses contextos estão, por vezes, vinculados a um cenário global. Os percursos dos imigrantes no Brasil, e em específico no Rio Grande do Sul, não estão desvinculados de fenômenos globais que envolveram as grandes migrações dos séculos XIX e XX. Com os estudos que realizamos, não pretendemos abarcar uma história total da escolarização dos imigrantes e de seus descendentes, mas entrelaçar a perspectiva local dentro da global, o que nos aproxima da *global history*. Essa perspectiva vai ao encontro dos historiadores franceses, que explicam que a história global não pretende ser total e observam que o termo “global” não deve induzir a enganos:

[...] Em suma, essa história global, em busca de conexões, interações ou bifurcações, em diferentes escalas, é de fato uma história “total”, mas “situada”: ela se distingue da história total ou da “síntese” de nossos anciãos na medida em que constrói seu questionário a partir de um ponto de observação situado, que obviamente não é o ponto de vista universal; não pretende, portanto, reformular uma grande narrativa explicativa do todo. **O vocabulário não deve ser enganoso: global não significa totalizante** (Douki, Minardi, 2007, p. 21, tradução e grifos nossos).

Os estudos de imigração constituem um dos campos apontados pelos estudiosos da história global como tema que esteve na base dessas investigações, o que não significa que todas as pesquisas referentes aos processos migratórios devam, necessariamente, utilizar essa teoria. Conforme Conrad (2015), a mobilidade transnacional, o comércio e a expansão dos impérios estão entre os processos de base de uma história mundial, porém investigações que têm como temática a imigração, especificamente a partir da história global, são recentes.

Para Fuchs (2014), as expressões “história global”, “história mundial”, “história transnacional” e “história translocal” vem sendo utilizadas como sinônimas, e essa tendência, via de regra, deve-se ao fato de que os estudos inseridos nessa perspectiva vão além da história nacional, já que, “[...] em geral, a história transnacional investiga as sociedades em suas relações de interconexão transnacional [...] na prática, as relações entre perspectivas transnacionais e globais são muito próximas [...]” (CONRAD, 2015, p. 22, tradução nossa). O transnacional tem sua origem também ligada aos estudos *postcolonial*, posto que, “[...] desde meados da década de 90, o ‘transnacional’ serviu como uma estrutura conceitual substituta para o ‘pós-colonial’ na análise da cultura contemporânea, na medida em que uma ‘virada transnacional’ foi proposta [...]” (Ossenbach e Del Pozzo, 2011, p. 581).

O transnacional pode ser considerado como um desdobramento da história comparada (Guimarães, 2015) e, ao longo dos anos, acompanhou os estudos *postcolonial*. Para Conrad (2015, p. 54),

[...] a história comparada deu estímulos importantes nesse sentido; novos campos, como a história da escravidão ou do comércio, experimentaram um novo impulso e, desde a década de 1990, foram principalmente os estudos pós-coloniais que trouxeram à tona as questões do intercâmbio transnacional. Um impulso metodológico interessante, por mais ambicioso e raramente colocado em ação, havia finalmente chegado ao conceito de *histoire croisée*;

baseava-se no pressuposto de que os objetos de investigação estavam em relacionamentos contínuos e, portanto, não podiam ser comparados (tradução nossa).

Embora os estudos comparatistas tenham exercido, e ainda exerçam, importante papel, o transnacional busca ir além da ideia de comparação. Esse conceito intenta analisar objetos que não são possíveis de comparação, como é o caso das pesquisas que desenvolvemos.

De modo geral, a produção acerca do transnacional e da história global está, em sua grande maioria, publicada em língua inglesa e, em menor quantidade, em português. Entretanto, conforme Conrad (2015), a supremacia da pesquisa em língua inglesa não significa que outros contextos não tenham se debruçado sobre as conexões transnacionais. A esse respeito, cabe observar que,

Como o termo “globalização”, que só foi amplamente utilizado na segunda metade do século passado, o termo “transnacional” tem uma história curta. Cunhado nos Estados Unidos, no início do século XX, apenas nas últimas duas décadas o termo se estabeleceu nos estudos históricos (Fuchs, 2014, p. 15, tradução nossa).

As perspectivas teóricas e categorias da *global history*, história transnacional, *histoire croisée* e *histoire connected* constituem abordagens já utilizadas em outras áreas de conhecimento há mais tempo do que na história da educação, sobretudo na história da educação brasileira. Embora ainda haja certa imprecisão no uso desses múltiplos conceitos e pouco consenso (Fuchs, 2014; Guimarães, 2015), o ponto em comum é a crítica ao chamado nacionalismo metodológico (Beck, 2000 *apud* Bertrand, 2015, p. 20). Marjanen (2009) também pontua que a riqueza dessas expressões, que causam, por vezes, confusão, pode indicar um distanciamento das análises pautadas apenas pela ideia de estado-nação.

O transnacional, como uma categoria de análise nas pesquisas que têm como foco a imprensa estrangeira no Brasil, foi estudado por Guimarães (2015). Para a autora, “Em resumo, *transnacional* poderia ser compreendido como aquilo que vai ‘além das’ fronteiras, o que implica, segundo o próprio termo, mudança, transformação e até negação [...]” (Guimarães, 2015, p. 91). Nesse sentido, os estudos sobre os deslocamentos populacionais, entre os quais se inserem as migrações, podem se beneficiar do conceito de transnacional (Guimarães, 2015).

No que diz respeito ao campo específico da História da Educação, também há o emprego dessas teorias entre os pesquisadores, porém, como mencionado, o seu uso é ainda limitado, sobretudo na experiência brasileira. Essa perspectiva transnacional, conforme já explicado, não nasceu dentro da área da História da Educação e apenas recentemente tem sido utilizada nesse campo de conhecimento. Fuchs (2014) explica que a ideia de transnacional surge e se desenvolve em outras áreas, já que historiadores da educação, sobretudo internacionais, começaram a fazer uso dessa categoria a partir de 2005, quando gradualmente a história da educação caminhou na direção de novas tendências vindas de outras áreas. É preciso ressaltar, no entanto, que

[...] ainda há pouca transferência de conceitos entre os campos. Historiadores globais e transnacionais são raramente interessados em história da educação [...] não é uma questão de simplesmente descartar a nação completamente como o contexto da história da educação, mas de desconstruir sua posição hierárquica no contexto de percepções divergentes de espaço (Fuchs, 2014, p. 21, tradução nossa).

A esse respeito, cabe mencionar, igualmente, que, anteriormente ao uso do termo transnacional, os estudos *postcolonial* tinham uma inserção no campo da História da Educação, sobretudo a partir de 1993:

A historiografia educacional demonstrou um interesse crescente na abordagem pós-colonial, como visto nas numerosas questões monográficas dedicadas pelas revistas *Paedagogica Historica* e *History of Education* às questões de transnacionalidade e pós-colonialismo na educação. O ponto de partida foi a celebração, em 1993, da 15ª Conferência Internacional Permanente para a História da Educação em Lisboa, com o título revelador “A educação encontra pessoas e culturas: a experiência colonial (séculos XVI e XX)” (Ossenbach, Del Pozzo, 2011, p. 591, tradução nossa).

Existem alguns estudos que entrelaçam história da educação e história transnacional. Acevedo e Quintanilla (2009), ao organizar um dossiê temático, principalmente a partir da experiência mexicana, escrevem sobre a perspectiva global na história da educação e sobre as contribuições dessa perspectiva e de uma abordagem transnacional. Para os autores, os artigos presentes no dossiê, os quais partem de estratégias distintas, possuem em comum o fato de que os objetos analisados ultrapassam as fronteiras do estado-nação (Acevedo, Quintanilla, 2009).

No ano de 2013, Thomas Popkewitz organizou um livro acerca da perspectiva transnacional na história da educação, com o título de *Rethinking the History of Education: transnational Perspectives in Its Questions, Methods, and Knowledge* (Repensando a história da educação: perspectivas transnacionais em suas questões, métodos e conhecimentos). O livro traz importantes contribuições para entender a teoria e sua aplicação em algumas pesquisas.

Outra recente publicação intitulada *The transnational in the History of Education: Concepts and perspectives* (O transnacional na História da Educação: conceitos e perspectivas), organizada por Eckhardt Fuchs e Eugenia Roldán Vera, traz algumas importantes contribuições acerca do uso desse conceito em diversos temas e campos dentro da área da História da Educação. Nessa obra publicada em formato de livro, constam reflexões de vários autores sobre temáticas diversas que convergem na direção da História da Educação. O livro surgiu como um espaço para refletir acerca dos conceitos e das categorias associadas ao transnacional e aos seus usos na História da Educação. Ainda, a obra discorre sobre o surgimento e o desenvolvimento deste conceito ao longo do tempo e como se pode ter uma melhor noção dos seus contornos teóricos e metodológicos para fazer um uso mais acurado nas pesquisas histórico-educacionais (Fuchs, Vera, 2019). Chama-se a atenção para o capítulo introdutório escrito por Fuchs e Vera (2019), no qual ambos delineiam o conceito, a sua descrição e as categorias que podem emergir dentro do campo da História da Educação a partir do transnacional.

O conceito de transnacional em História da Educação é também abordado por Lawn (2014). Esse autor, ao discutir a história da educação na Europa, faz uma crítica a algumas pesquisas na área da História da Educação, as quais, no momento da análise do objeto, levam em consideração somente aspectos nacionais. Conforme Lawn (2014, p. 141), “[...] outra forma de pensar a respeito do conhecimento científico é vê-lo em uma constante interconexão [...]”.

Caruso (2013), por sua vez, destaca a relevância da discussão aqui empreendida, ao abordar aspectos da transnacionalidade para dissertar sobre a nacionalização/internacionalização voltadas à escolarização. O artigo de Caruso (2013), intitulado *Within, between, above, and beyond: (Pre)positions for a history of*

the internationalisation of educational practices and knowledge (Dentro, entre, acima e além: (pré)posições para uma história da internacionalização das práticas e conhecimentos educativos), mostra como se constituíram as conexões entre conhecimentos educativos e práticas na formação da escola moderna. O referido autor aborda ondas ao longo da história, desde a Idade Média até o século XX, dessas dinâmicas de nacionalização/internacionalização em âmbito educacional. Ao discutir tais movimentos relacionados no entrelaçamento dentro, entre, acima e além do nacional/internacional, o estudo considera que alguns espaços na Idade Média (a Igreja e as universidades) possibilitaram dinamizar e conectar práticas e conhecimentos educativos. Já no início do século XIX, na realidade ocidental, buscou-se consolidar práticas educativas com experiências locais, nas nações recém-formadas, mas com necessidade de trocas e experiências em nível internacional, as quais estão presentes cada vez mais no mundo atual e globalizado. Nesse sentido, o autor analisa diversos movimentos que sugerem e reforçam os pontos de conexão entre diferentes realidades, destacando que os grupos, ao longo da história do Ocidente, organizaram e sistematizaram práticas e currículos de forma localizada, nas suas nações e instituições, mas não se furtaram de se conectar com outros grupos para além do espaço nacional e local. Tal dinâmica foi fruto de interlocuções que fornecem pistas de que determinadas práticas educativas fizeram parte de uma gramática universal da educação.

Nesse cenário, ganham centralidade as categorias da *histoire croisée* e de redes em processos migratórios, pois os elementos transnacionais necessitam ser entendidos à luz da conexão existente entre as ideias e os preceitos que vão se entrelaçando na constituição dos processos educativos. A essa discussão podem ser acrescidos os estudos de Werner e Zimmerman (2003), que alertam ao fato de que a história entrelaçada, também denominada história cruzada, tem como objetivo tratar problemáticas específicas que escapam às metodologias comparatistas e aos estudos de transferências, colocando o problema de sua própria historicidade a partir de um triplo procedimento de historicização: do objeto, das categorias de análise e das relações entre o pesquisador e o objeto.

Nesse âmbito de análise, as ideias de conexões e redes parecem ser mais adequadas do que o conceito de transferência cultural. Para compreender tal aspecto, cabe retomar a metáfora de Gruzinski (2001), de que o historiador pode ser comparado, no caso das histórias cruzadas, a um eletricitista, pois, assim como este, necessita reconectar os fios, já que a história não é única e homogênea: ela apresenta diferentes nuances e processos que dependem de intermináveis conexões, que mudam e se entrelaçam de acordo com os períodos históricos de duas ou mais realidades que se interconectam.

Para aqueles que se dedicam a estudar grupos de imigrantes no Brasil e suas instituições, sejam elas escolares ou não, fazer uso desses conceitos e procedimentos em suas pesquisas auxilia a construir uma análise mais aprofundada, que ultrapassa os limites da história nacional e busca compreender os fenômenos migratórios à luz de contextos mais amplos. No que diz respeito às pesquisas brasileiras em História da Educação, alguns estudos já fazem uso da ideia do transnacional. Mirian Warde (2019), por exemplo, discute a história global em um livro que aborda a história da educação entre o global, o nacional e o local. Outra importante contribuição é a publicação organizada por Vidal e Rabello (2020), a qual tem como mote principal o movimento internacional da educação nova, colocando em cena a perspectiva transnacional da educação. Outra obra de recente publicação a esse respeito é

organizada por Vidal (2020), importante referência no que concerne aos estudos sobre o transnacional no Brasil. Para ela,

Ao possibilitar a análise da multiplicidade espacial das vidas dos sujeitos e suas experiências, alternando de uma microescala para um macronível, de dimensões nacionais a globais, a história transnacional põe em evidência uma variedade de escalas policêntricas em interação (Vidal, 2020, p. 11).

Além disso, alguns artigos em periódicos seguem essa mesma direção. São exemplos o de Alcântara (2016), que aborda a transnacionalidade de objetos escolares, e os de Vidal (2017, 2019), que escreve sobre a perspectiva transnacional da educação.

As pesquisas supracitadas integram a história da educação ou os estudos sobre imigração. No âmbito específico da interligação entre as pesquisas histórico-educativas e as de imigração, há, ainda, poucas investigações no âmbito brasileiro que fazem uso da categoria do transnacional. Como já mencionado, a temática das pesquisas que realizamos envolvem, por um lado, os estudos sobre imigração e, por outro, os estudos em história da educação, sempre buscando estudar as formas de escolarização dos grupos de imigrantes italianos e alemães que desembarcaram no Brasil entre o século XIX e o século XX. Desse modo, para compreender o uso da *global history* e do transnacional dentro do campo de conhecimento no qual nossas pesquisas se inserem, é necessário lançar um olhar aos estudos que se situam, simultaneamente, em ambos os campos: imigração e história da educação.

O transnacional como uma abordagem metodológica na História da Educação é utilizado por Barausse e Luchese (2018) ao analisar a educação e a identidade étnica nas escolas italianas no estado do Rio Grande do Sul. Os autores, ao cruzarem fontes e documentos brasileiros e italianos sobre as escolas dos imigrantes italianos, elencam importantes elementos transnacionais para compreender essas instituições, que têm sua história ligada aos dois países, Brasil e Itália, além de estarem imbuídas no que se convencionou chamar globalização.

Outra importante contribuição no entrelaçamento entre a imigração e a história da educação é o dossiê produzido por Ascenzi *et al* (2019). Os autores dissertam sobre essa perspectiva na História da Educação e elencam o surgimento e o uso dessa categoria em alguns contextos como o britânico e o norte-americano. O dossiê, intitulado *Migrations and History of Education in a transnational view between Italy and Brazil in 19th and 20th centuries* (Migrações e História da Educação em uma visão transnacional entre Itália e Brasil nos séculos XIX e XX) e publicado na revista *History of Education & Children's Literature*, conta com 14 artigos além da introdução, em que os organizadores delineiam a intenção e a proposta do dossiê. Os artigos foram oriundos de um evento realizado na Universidade de Caxias do Sul (UCS), em parceria com outras universidades brasileiras e estrangeiras, que objetivava discutir o transnacional nas pesquisas em história da educação dos imigrantes italianos, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX.

Para os organizadores desse dossiê,

Os caminhos de pesquisa escolhidos e as abordagens metodológicas adotadas são formatadas de forma a garantir um conhecimento mais aprofundado sobre diversos aspectos relacionados ao papel e função dos processos educativos em grupos italianos em contextos migratórios no Brasil, dentro do panorama mais geral da migração transoceânica a partir da segunda metade do século 19 às primeiras décadas do século 20 (Ascenzi *et al*, 2019, p. 239, tradução nossa).

Apesar de esse dossiê tratar em específico do grupo italiano, algumas reflexões nele contidas podem ser estendidas à história da educação de outros grupos imigratórios. Ao analisar e aprofundar as diversas fontes mobilizadas pelos autores, é possível compreender o cruzamento de perspectivas e contextos que entrelaçaram e influenciaram a imigração italiana e os processos de escolarização e de educação desse grupo.

Nos últimos anos, nota-se um crescimento significativo de estudos sobre a temática. Esse aumento poderia ser explicado pelo contexto de internacionalização de pesquisas e de trabalhos conjuntos de alguns pesquisadores. Como bem explica Ascenzi *et al* (2019),

Nos últimos anos, um grupo transnacional ítalo-brasileiro bilateral vem se desenvolvendo, reunindo pesquisadores do CeSIS da Universidade de Molise e do CESCO da Universidade de Macerata, bem como da Universidade de Caxias do Sul, Pontifícia Universidade Católica. Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade do Vale do Sinos (UNISINOS) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Porto Alegre (Brasil). O grupo transnacional desenvolveu uma agenda de trabalho real, partindo do pressuposto de que estudos sobre processos educacionais e escolares no contexto migratório brasileiro não podem se limitar à preparação de contribuições isoladas ocasionais para eventos internacionais (Ascenzi *et al*, 2019, p. 238-239, tradução nossa).

Esse grupo se dedicou, a partir de algumas frentes de trabalho, a realizar pesquisas em conjunto sobre a história da educação dos imigrantes italianos no Brasil, focando o estado do Rio Grande do Sul e colocando em cena a análise a partir de uma perspectiva transnacional. Inúmeras produções foram efetivadas a partir dessas aproximações internacionais de pesquisa, tais como dossiês em periódicos, livros e capítulos, assim como congressos e eventos. Outros pesquisadores também fizeram, embora ainda de forma inicial, o uso dessa categoria ao abordar a trajetória transnacional de um professor italiano nas escolas italianas do exterior (Castro, Barausse, 2019).

Cabe ressaltar que, se, de um lado, as pesquisas em História da Educação quase não fizeram uso da categoria transnacional, de outro lado, os estudos sobre grupos imigratórios vêm, progressivamente, empregando a história global e o transnacional. Tendo isso em vista, na seção a seguir, disserta-se sobre a utilização desses conceitos em nossas pesquisas e sobre suas potencialidades.

Escolas étnicas italianas e alemãs na região sul do Rio Grande do Sul

Como referido anteriormente, nossas pesquisas envolvem a história da educação de grupos de imigrantes italianos e alemães que chegaram ao Brasil entre o século XIX e o início do XX. De forma específica, interessa-nos estudar as denominadas escolas étnicas italianas e alemãs nos municípios da Serra dos Tapes², região sul do estado do Rio Grande do Sul. Essas escolas foram criadas no Brasil a partir da chegada e da organização dos imigrantes com características bastante heterogêneas. Porém, como afirma Kreutz (2004), elas

[...] não se desenvolveram de forma isolada, cada uma restrita a seu núcleo. Foram assumidas pelas respectivas comunidades de imigrantes, vinculadas a uma instância maior, isto é, à coordenação das respectivas confissões

religiosas. Além disso, eram escolas étnicas porque retratavam aspectos culturais importantes da respectiva etnia, como língua e costumes. (Kreutz, 2004, p. 10).

No caso dos imigrantes italianos, as escolas étnicas registraram uma heterogeneidade que merece ser considerada. Luchese (2007) esclarece que as do meio rural, na maioria dos casos, eram criadas e mantidas pelas próprias comunidades, sendo o professor escolhido entre os membros do grupo que possuía maior nível de instrução. As urbanas estiveram ligadas, na grande maioria, às sociedades de mútuo socorro (Luchese, 2007). Houve também as escolas que eram mantidas por associações religiosas.

Algumas dessas escolas étnicas recebiam do governo italiano o nome de “escolas italianas no exterior”, sendo subsidiadas por esse governo tanto com contribuição financeira quanto com livros e materiais escolares. Essas escolas eram instituições italianas e respondiam ao governo desse país, devendo seguir certas normativas para receberem o subsídio. Uma análise mais aprofundada dessas instituições pode ser fornecida pelo estudo dos *annuari delle scuole italiane all'estero* (anúários das escolas italianas no exterior), os quais foram uma produção do *Ministero degli Affari Esteri italiano* (Ministério das Relações Exteriores). A publicação da série, que começa em 1889-1889 (Salvetti, 2002) e chega até os anos de 1930, garante um entendimento dessas instituições escolares e oferece um panorama geral sobre as escolas, os professores, os subsídios e a população escolar. Além disso, os anuários, ao trazerem números referentes a vários continentes e países para os quais os italianos emigraram, oferecem uma possibilidade de análise mais complexa ao compreender que tanto a imigração italiana quanto as escolas italianas no exterior não foram especificidades do Brasil ou do Rio Grande do Sul, mas de vários outros países e localidades. Essa dimensão auxilia no entendimento do fenômeno das escolas italianas, reforçando, assim, o fenômeno das escolas italianas na região que pesquisamos dentro de um contexto mais global e transnacional. Nesse sentido, “[...] nos últimos anos, junto com o uso de conceitos ou categorias analíticas como o transnacionalismo, outros tentaram explorar as possibilidades oferecidas pela adoção de novas categorias analíticas, aquelas que pertencem à história mundial ou à história global [...]” (Ascenzi *et al*, 2019, p. 233, tradução nossa).

As escolas italianas a que nos referimos neste texto eram, sobretudo, escolas subsidiadas pelo governo italiano e estavam ligadas às sociedades de mútuo socorro e de beneficência. Essas sociedades foram organizadoras e proporcionadoras das escolas italianas em muitas cidades e estados brasileiros, assim como em outros países, constituindo-se como

[...] associações que assumiram, em diferentes contextos, funções de intermediação e preservação dos laços com a pátria de origem através de festividades cívicas - italianità, foram espaços de auxílio mútuo em caso de doença, morte ou sinistro, e muitas também assumiram atividade de ensino (Luchese, kreutz, 2010).

Sob essa perspectiva, nossas pesquisas buscam compreender as escolas italianas criadas e organizadas pelos imigrantes italianos e seus descendentes dentro da área urbana da cidade de Pelotas, na região sul do Brasil. No entanto, algumas das reflexões aqui não se referem somente a esse *lócus*, mas podem ser extrapoladas também para outras localidades onde houve escolas italianas. Essas escolas italianas no exterior foram organizadas nos países em que havia a presença de imigrantes italianos e

[...] dividiam-se em escolas governativas e escolas privadas subsidiadas pelo governo italiano: as primeiras, menos numerosas, localizadas no Levante e na bacia do Mediterrâneo, eram inteiramente financiadas pelo governo italiano; as segundas eram escolas privadas laicas ou confessionais, nascidas dentro de associações italianas no exterior e recebiam um subsídio do governo italiano desde que se adaptassem aos programas e métodos de ensino da escola italiana, com um controle pelos cônsules e verificação regular através de inspeções ministeriais (Salvetti, 2002, p. 536, tradução nossa).

No Brasil, assim como em outras partes das Américas, conforme dados dos anuários, existiram as escolas italianas subsidiadas, instituições às quais voltamos nossa atenção. Os subsídios para essas escolas vinham do Ministério das Relações Exteriores, assim como as orientações para seu funcionamento. Essas instituições foram bastante heterogêneas na realidade brasileira, estando ligadas às sociedades de mútuo socorro, às congregações religiosas, às comunidades e localidades rurais e a outras associações. Embora muitas pesquisas já tenham sido realizadas sobre tais escolas em alguns estados brasileiros, ainda há espaço tanto para novas investigações em localidades ainda não estudadas quanto para novos olhares e perspectivas sobre essas instituições, como é o caso deste estudo, que propõe uma ótica mobilizada e ancorada em conceitos da história global e transnacional.

As escolas italianas no exterior são um assunto que diz respeito aos dois países envolvidos diretamente no deslocamento da população da península italiana, Brasil e Itália, assim como as escolas italianas nos Estados Unidos ou na Argentina, por exemplo, estão dentro de um contexto transnacional da imigração dos séculos passados, não podendo ser analisadas apenas sob o olhar nacional do país que recebeu esses imigrantes ou do país de origem. Do ponto de vista da Itália, essas instituições foram legisladas pela primeira vez em 1889, com a lei proposta pelo primeiro-ministro italiano Francesco Crispi (Floriani, 1974). A atenção aos que emigraram, por parte do governo italiano, não se deu logo após a saída dessas pessoas da Itália, mas passou a fazer parte das políticas adotadas pelo governo de Francesco Crispi, que governou o país entre os anos de 1876 e 1896. Durante esse governo, foi proposta uma série de reformas na Itália nesse período, entre elas aquelas direcionadas aos que haviam emigrado (Bertonha, 2016). Na sequência do que ficou conhecida como a Lei Crispi, outras leis e provimentos legais também foram organizados com foco nas escolas italianas no exterior, entre as quais se inserem as escolas situadas em Pelotas.

Outro marco importante foi a criação, pelo *Ministero degli Affari Esteri*, do *Commissariato Generale dell'Emigrazione* (Comissariado Geral da Emigração) em 1901 (D'Alessio, 2019). A criação desse Comissariado era justificada pela “[...] necessidade de uma organização mais racional dos serviços relativos à emigração e de uma proteção mais eficaz dos emigrantes [...]” (Grispo, 1986, p. 01, tradução nossa).

Neste ponto do texto, é possível pensar na escolha da teoria da história global e da categoria transnacional como fio norteador das pesquisas que realizamos. Embora o objeto desta pesquisa se situe em um contexto local e específico, o município de Pelotas³, o tema remete a uma dimensão mais abrangente, que são os processos de circulação, mobilidade humana e imigração. Assim, procuramos entender a conexão entre o contexto, a relação dos imigrantes italianos com outros grupos e com a própria configuração do município e a imigração como um fator da globalização. A história global não menospreza nenhum dos dois aspectos, local e global, sendo, antes de tudo, um processo de análise e aprofundamento de uma

temática nas suas várias dimensões. Por essa razão, ao abordar as escolas italianas em Pelotas, fazemos isso levando em consideração os aspectos nacionais que envolveram a imigração italiana no Brasil, os aspectos específicos e locais da imigração italiana no município pesquisado, os aspectos transnacionais da imigração de massa entre os séculos XIX e XX e o fenômeno da globalização.

No desenvolvimento das nossas pesquisas que envolvem o grupo italiano imigrante para o município de Pelotas e as escolas italianas, foi perceptível que não era possível traçar uma comparação, fazendo uso da história comparada, entre as escolas italianas no exterior e as escolas que existiam dentro da Itália, pois se tratava de situações e instituições muito diversas que atendiam a públicos e interesses também diversos. Dessa forma, fazer uso da história transnacional nos permitiria lançar outro olhar para os documentos históricos encontrados e possibilitaria compreender a história das escolas italianas não somente do ponto de vista do Brasil, mas também do que significavam essas instituições no contexto italiano.

Como o contexto da Serra dos Tapes foi constituído por um mosaico cultural, nesse local também o grupo imigratório alemão se fez presente. Nessa realidade, a maioria das escolas foram vinculadas diretamente ao luteranismo. O mote da ideia de Lutero em expandir a educação para escolas de primeiras letras veio reforçado com princípios e ideais dos países de origem. Essas escolas eram multisseriadas, com a presença de um professor unidocente, e, até o período da nacionalização do ensino, adotavam a língua alemã (Weiduschadt, 2007), o que indica a existência de trocas e conexões entre os países de origem dos emigrados.

A organização dessas escolas ocorreu em diferentes instituições luteranas⁴. Duas dessas instituições eram estrangeiras que dominaram a formação escolar e religiosa, uma sediada na Alemanha e outra nos Estados Unidos, mas mantinham vínculo com o ideário alemão. De forma específica, iremos centrar a empiria na instituição luterana do Sínodo de Missouri localizada nos Estados Unidos, mas oriunda de emigrados alemães para o solo norte-americano (Weiduschadt, 2007).

Um dos aspectos relevantes que podem auxiliar a compreender a transnacionalidade dessa instituição diz respeito às correntes pedagógicas que influenciaram a formação de professores, pois estes atuaram diretamente na escolarização. A formação identitária perpassa as orientações gerais da instituição, mas se reconstrói de acordo com o contexto e as trocas culturais (Dittrich, 2014; Fontaine, 2014; Matasci, 2016).

Como já mencionado, a educação e escolarização desses grupos étnicos estavam circunscritas por ideias e preceitos dos países de origem. Podemos afirmar que elementos transnacionais foram se entrecruzando em diferentes contextos: os dos países de origem e os de solo brasileiro.

Ao se abordar imigração de grupos étnicos, imaginam-se nações ou países já constituídos que migraram de sua terra natal, um espaço geográfico delimitado e definido, para outro território de destino. O trabalho de Anderson (2008) alerta que as ditas nações modernas, na maioria dos casos, foram “imaginadas” na sua constituição, de modo que a ideia de um território geográfico delimitado como nação constituída naturalmente é mítica e imaginada. No caso em tela, dos grupos abordados, ficaria difícil perceber uma nação consolidada, porque, no período imigratório de grupos étnicos alemães e italianos investigado, meados do século XIX, não havia ainda a consolidação da nação alemã e italiana. Foi preciso reinventar formas de se adequar, já que, como revela Hobsbawn (1997), as tradições são

reinventadas de acordo com as estratégias de que os grupos precisam para se constituir. Além desses dois autores que cunharam conceitos tão centrais para análises de pesquisas em grupos étnicos – Anderson (2008), com a ideia de comunidades imaginadas, e Hobsbawn (1997), com o conceito de tradições reinventadas –, podemos citar Fuchs (2014), que sugere olhar o espaço como uma categoria não geográfica, mas como algo construído mentalmente ou socialmente.

Ao defender uma história global e cruzada, Fuchs (2014) adverte que o campo da História da Educação se alia ao conceito de transnacionalidade no que concerne a observar os pontos de contatos e as fronteiras culturais formadas pelos grupos que migraram, bem como as trocas culturais que esses grupos tiveram na terra de destino. Para tanto, ao abordar esse conceito, é preciso levar em conta que as pesquisas se concentram em atores e espaços não estatais, são vistas como extensão da história nacional, isto é, como emaranhado que pode se deslocar e adentrar em outros campos, e examinam a nação como fenômeno global (Fuchs, 2014).

Nesse sentido, ao abordar processos de escolarização e educação de grupos étnicos alemães, podemos perceber que, pelo menos na primeira fase de organização comunitária escolar (1870-1938), os Estados brasileiros e estrangeiros, como entes oficiais, estiveram pouco envolvidos. Os grupos buscaram auto-organização de suas atividades educativas e de sociabilidade. Contudo, nesse emaranhado, as ideias e os preceitos que podiam ser utilizados para educar foram se cruzando com instituições religiosas oficiais e algumas não tão oficializadas. Na verdade, esse processo foi transfronteiriço, tendo atravessado uma fronteira, não geográfica, mas social, cultural e educativa. Mais do que atravessar o transfronteiriço, é preciso observar esse modelo como algo dinâmico e como um entrelaçamento (*Verpflechtung*) (Schriewer, Caruso, 2005).

Os processos imigratórios aqui apresentados, bem como a preocupação proeminente de educação e escolarização desses grupos e as adaptações frente à realidade educacional brasileira, são fundamentais. O enriquecimento dessas possibilidades das “histórias conectadas” e “histórias compartilhadas” nos leva a uma abordagem relacional, mas não hierárquica. Assim, consegue-se perceber, por exemplo, que as instituições educativas religiosas e civis estavam localizadas na Alemanha e nos Estados Unidos. Elas tentam disseminar certa organização educativa, por meio da formação dos professores, da implantação de material didático e do incentivo de uma imprensa educativa e religiosa, mas são entrelaçadas nas realidades vivenciadas pelos atores que estão no Brasil.

Como já mencionado, especialmente na primeira fase de constituição da escolarização, os grupos étnicos alemães mantinham vínculos com os países de origem, isto é, a Alemanha e os Estados Unidos. Nesse sentido, notam-se saberes transnacionais circulados nessas escolas e nas orientações da formação docente. Cabe destacar, assim, que, na constituição nacional e local, há a presença de elementos transnacionais: o transnacional consegue unir o micro e o macro, porque transita no cruzamento dos dois contextos.

Especificamente em relação à instituição luterana do Sínodo de Missouri, observa-se que não há investimentos estatais diretos da Alemanha, mas de uma instituição luterana sediada nos Estados Unidos, com origem e diáspora saída da Alemanha. Essa igreja disseminou suas ideias pedagógicas para vários lugares, não somente ao Brasil, por meio de material impresso na língua alemã, pressupondo que estava se dirigindo a comunidades étnicas alemãs de diferentes nações. Buscou fortalecer uma rede de professores com alguns princípios religiosos e morais na

formação educativa das crianças. Ao observar determinadas especificidades dessas instituições luteranas, o conceito de transnacionalidade e de histórias cruzadas nos permite ampliar o espectro analítico de dados já coletados e dos que ainda poderão ser levantados.

Ambas as escolas étnicas abordadas neste texto, italianas e alemãs, foram importantes instituições organizadas pelos grupos étnicos mencionados, sendo constituídas em espaços específicos – no caso desta pesquisa, a região sul do estado do Rio Grande do Sul – que, certamente, influenciaram essas instituições. No entanto, fizeram parte de uma abrangência maior que diz respeito ao contexto das grandes migrações na era da globalização e à atenção que os países de origem direcionavam aos seus cidadãos que haviam partido. E, nessa conjuntura, entram em cena os elementos globais e transnacionais propostos neste texto.

Conclusões

Este artigo teve como propósito discutir as potencialidades do uso da *global history* e do transnacional em pesquisas que entrelaçam a imigração italiana e alemã e a história da educação. De forma específica, interessou-nos observar as chamadas escolas étnicas, alemãs e italianas, a partir das categorias supracitadas. Este estudo foi pensado ao longo de nossas pesquisas que envolvem as escolas étnicas e as formas de escolarização dos grupos de imigrantes e descendentes italianos e alemães, quando, em determinado momento, identificamos a potencialidade de e analisar as fontes sob uma perspectiva que transcende os aspectos nacionais e, portanto, abordar nossos objetos de pesquisa do ponto de vista transnacional. Foi necessário, antes de tudo, conhecer algumas das investigações que faziam uso dessa categoria, o que levou, também, à possibilidade de utilizar a *global history* e o transnacional como teoria.

Nessa conjuntura, nossas pesquisas sobre as escolas étnicas italianas e alemãs passaram a ser pensadas a partir de uma abordagem mais global e transnacional, sem deixar de lado, no entanto, as características locais. Um elemento importante nesse contexto é o acesso a fontes que permitam essa perspectiva da história cruzada.

É possível pensar que as escolas étnicas, tanto italianas quanto alemãs, dentro de suas especificidades, foram permeadas por ideias e preceitos que se conectaram a distintas realidades, envolvendo o local de origem dos imigrados e as conexões realizadas em solo brasileiro. Ainda, cabe destacar que os grupos étnicos se organizaram no campo educativo, na realidade da Serra dos Tapes, de forma heterogênea, ou seja, por meio de organizações laicas e/ou religiosas, subsidiadas ou não, protagonizadas em maior ou menor escala pelas comunidades locais ou incentivadas pelas instituições estrangeiras. Tal heterogeneidade nos fez dialogar com essa perspectiva global e transnacional para compreender a circulação de ideais educativos em uma abordagem relacional, considerando a realidade local e o transnacional em espaços culturais, sem necessariamente levar em conta o espaço geográfico. Assim, podemos considerar que essas perspectivas teóricas poderão contribuir em nossos estudos e em outros similares que abordem a realidade investigativa do campo da história da educação e da imigração.

No que concerne às pesquisas que realizamos, discutimos aqui possibilidades de analisarmos e estudarmos tais processos, tendo em vista ambos os espaços, locais

e globais, sem menosprezar nenhum desses dois aspectos. Compreendemos que houve, sim, particularidades e especificidades nessas instituições que dizem respeito ao local onde estavam inseridas e à sociedade da época; contudo, também há aspectos que se relacionam a um contexto maior, transnacional, que diz respeito aos países de origem e às orientações para o fenômeno imigratório e para os processos de escolarização e educação.

Referências

Acevedo Ariadna. Quintanilla, Susana (2009). La perspectiva global en la historia de la educación. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, 14 (40), 7-11.

http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-66662009000100002>.

Alcântara Wiara (2016). A transnacionalização de objetos escolares no fim do século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 24 (2), 115-159.

<https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/122775>

Anderson Benedict. *Comunidade Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Companhia das Letras.

Ascenzi Anna et al (2019). History of education and migrations: crossed (or connected or entangled) histories between local and transnational perspective. A research «agenda». *History of Education & Children's Literature*, 14 (2), 227-262.

<http://www.hecl.it/>

Barausse Alberto; Luchese, Terciane (2019). Education, ethnic identity, and memory in the Italian ethnic schools of South Rio Grande (1875–1902), *Paedagogica Historica*, 54, 1-16. <https://www.tandfonline.com/toc/cpdh20/current>.

Bertonha José Fábio (2016). *Os italianos*. Contexto.

Bertrand Romain (2019). Historia global, historias conectadas: ¿um giro historiográfico? *Pro-historia*, 24, 3-20,

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=380144016001>.

Caruso Marcelo (2014). Within, between, above, and beyond: (Pre)positions for a history of the internationalisation of educational practices and knowledge.

Paedagogica Historica, 50 (1–2), 10–26.

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00309230.2013.872678>

Castro Renata Brião de; Barausse Alberto (2019). *Transnacionalidade e ensino: a trajetória de Umberto Ancarani entre a Europa e o Brasil nas escolas italianas no exterior*. 25 Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação.

<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/10/31/25o-encontro>

Cerqueira Fabio Vergara. *Serra dos Tapes: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais*. In: Michelon Francisca Ferreira; Ferreira Maria Letícia Mazzuchi (orgs.). Editora e Gráfica Universitária da UFPel.

Conrad Sebastian (2015). *Storia globale: un'introduzione*. Carocci editore S.p.S.

D'Alessio Michelina (2019). Preparatory courses addressed to «special» teachers for training Italian migrants in the early twentieth century. *History of education & Children's Literature*, 14 (2), 491-508. <http://www.hecl.it/>.

Di Fiore Laura; Merigi Marco (2011). *World History: le nuove rotte della storia*. Gius Laterza & Figli Spa.

Dittrichi Klaus (2014). As exposições universais como mídia para a circulação transnacional de saberes sobre o ensino primário na segunda metade do século. *História da Educação*, 18 (41) 213-234. <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/36019>.

Dondarini Rolando (2005). Le prospettive della didattica della storia. Storia globale e dimensione locale. *Storia e futuro, Rivista di Storia e storiografia*, n. 10, 2005. <http://storiaefuturo.eu/wp-content/uploads/2018/06/Storia-e-Futuro-n.10.pdf>.

Douki Caroline; Minardi Philippe (2007). *Revue d'histoire moderne & contemporaine*, n. 54, 7-21. <https://www.cairn.info/revue-d-histoire-moderne-etcontemporaine->

Dreher Martin N (2000). Notas para uma História da Educação Protestante no Brasil. *Estudos Leopoldenses*. Vol 4, nº 6, 2000, p.133-150.

Floriani Giorgio (1974). *Scuole italiane all'estero: cento anni di storia*. Armando Editore.

Fontaine Alexandre (2014). Pedagogia como transferência cultural no espaço franco-suíço: mediadores e reinterpretções de conhecimento (1850-1900). *História da Educação*, 18 (42), 187-207. <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/44272>.

Fuchs Eckhardt (2014). History of Education beyond the Nation? Trends in Historical and Educational Scholarship. In: Bagchi Barnita, Fuchs Eckhardt, Rousmaniere Kate (orgs.). *Connecting histories of education: transnational and cross-cultural exchanges in (post)colonial education*. Berghahn Books.

Fuchs Eckhardt; Vera Eugenia Roldán (orgs.) (2019). *The Transnational in the History of Education: Concepts and Perspectives*. Palgrave Macmillan.

Giovagnoli Agostino (2003). *Storia e globalizzazione*. Gius Laterza & Figli Spa.

Grispo Francesca. (org.) (1986). *La struttura e il funzionamento degli organi preposti all'emigrazione (1901-1919)*. Istituto Poligrafico e Zecac dello Stato.

Gruzinski Serge (2001). Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. *Topoi*, 175-195. <https://www.scielo.br/j/topoi/a/SyxTynYw6ZqQ6cQXYvyYYBj/?format=pdf&lang=pt>

Guimarães Valéria (2015). Da história comparada à história global: imprensa transnacional e o exemplo do Le Messenger de São Paulo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 176 (466) 87-120, 2015.

<https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-466/item/108120-da-historia-comparada-a-hist%C3%B3ria-global-imprensa-transnacional-e-o-exemplo-do-le-messenger-de-sao-paulo.html>.

Hobsbawn Eric (1997). *A Invenção das Tradições*. Paz e Terra.

Kreutz Lúcio (2004). *Escolas de imigrantes em contexto de formação do Estado /Nação no Brasil. Comunicação coordenada*. Congresso Brasileiro de História da Educação.

<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo6/473.pdf>> acesso em: 30 de julho de 2016.

Lawn Martin (2014). Um conhecimento complexo: o historiador da educação e as circulações transfronteiriças. *Revista Brasileira de História da Educação*, 14 (1), 127 – 144.

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1400>.

Luchese Terciane Ângela (2007). *O processo escolar entre imigrantes na região colonial italiana do Rio Grande do Sul, 1875 a 1930: leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita* (Tese de doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

Luchese Terciane Ângela; Kreutz Lúcio (2010). Educação e etnia: as efêmeras escolas étnico-comunitárias italianas pelo olhar dos cônsules e agentes consulares. *História da Educação*, 14 (30), 227-258.

<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/28920>>.

Marjanen Jani (2009). Undermining methodological nationalism: *Histoire croisée* of concepts as transnational history. In: Mathias Albert, Gesa Bluhm, Jan Helmig, Andreas Leutzsch & Jochen Walter (orgs.). *Transnational Political Spaces: Agents – Structures – Encounters*. Reihe Historische Politikforschung.

Matasci Damiano (2016). A França, a escola republicana e o exterior: perspectivas para uma história internacional da educação no século 19. *História da Educação*, 18 (50), 139-155, 2016. <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/66203>>.

Ossenbach Gabriele; Del Pozzo María del Mar (2011). Postcolonial models, cultural transfers and transnational perspectives in Latin America: a research agenda. *Paedagogica Historica International Journal of the History of Education*, 47, 579–600. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00309230.2011.606787>>.

Popkewitz Thomas S. (org.) (2013). *Rethinking the history of education: transnational perspectives on Its, Questions, Methods, and Knowledge*. Palgrave macmillian.

Rocha Alexandre (2015). O Global como nova era da História. *História historiografia*, 8 (18), 283-288.

<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/911>.

Rosoli Gianfausto (1992). Un quadro globale della diaspora italiana nelle Americhe, *Rivista Altretalia*, 8, 2-15.

https://www.altretalie.it/publicazioni/rivista/numeri_arretrati/n_8/altretalie_8_luglio_dicembre_1992.kl.

Salveti Patrizia (2002). Le scuole italiane all'estero. In: Bevilacqua, Piero; De Clementina Bagagli, Franzina, Emilio (orgs.). *Storia dell'emigrazione italiana: arrivi*. Donzelli.

Schriewer Jürgen, Caruso Marcelo (2005). Globale Diffusionsdynamik und kontextspezifische Aneignung. Konzepte und Ansätze historischer Internationalisierungsforschung. In: Schriewer Jürgen, Caruso Marcelo (org.). *Nationalerziehung und Universalmethod: Frühe Formen schulorganisatorischer Globalisierung*. Leipziger Universitätsverlag.

Subrahmanyam Sanjay (2017) Em busca das origens da história global: aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. *Estudos Históricos*, 30 (60), 219-240. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21862017000100219&script=sci_abstract&lng=pt.

Teichmann Eliseu (1996). *Imigração e Igreja: As comunidade- Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul* (Dissertação de mestrado, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação).

Vidal Diana Gonçalves (org.) (2020). *Sujeitos e artefatos: territórios de uma história transnacional da educação*. Fino Traço.

Vidal Diana Gonçalves (2019). História transnacional da educação: (des)conexões entre Brasil e a New Education Fellowship (1920-1948). In: Arata Nicolás; Pineau Pablo (Org.). *Latinoamérica: la educación y su historia. Nuevos enfoques para su debate y enseñanza*. Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires.

Vidal Diana Gonçalves; Rabelo Rafaela Silva (orgs.) (2020). *Movimento internacional da educação nova*. Fino traço.

Vidal Diana Gonçalves (2017). Transnational education in the late nineteenth century: Brazil, France and Portugal connected by a school museum. *History of Education*, 47, p. 1-14.

Warde Mirian Jorge (2019). Sobre o "global": duas ou três coisas que eu pensei a respeito. In: Cury Cláudia Engler; Vieira Carlos Eduardo; Simões Regina Helena Silva Simões (orgs.). *História da Educação: global, nacional e regional*. EDUFES.

Weiduschadt Patrícia (2007). *O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar*, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas).

Werner Michael; Zimmermann Bénédicte (2003). Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade. *Revista textos de história*, 11 (1) 89-128, 2003. <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/issue/view/1805>.

Notas

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² A região da Serra dos Tapes inclui, em sua faixa territorial, as áreas dos atuais municípios de Pelotas, Morro Redondo, Capão do Leão, Arroio do Padre, Turuçu, Canguçu e São Lourenço do Sul (Cerqueira, 2010). Essa região possui forte presença de descendentes de alemães, pomeranos, italianos e outros grupos étnicos.

³ Pelotas foi um município que recebeu imigrantes de diversas nacionalidades, incluindo alemães, franceses e italianos. Os italianos, nesse município, instalaram-se no espaço tanto urbano quanto rural. No espaço urbano, imigraram profissionais de diversos setores. Havia uma camada mais abastada da sociedade, como os proprietários de hotéis, médicos e artistas (pintores) e uma classe menos abastada, formada, por exemplo, por alfaiates, barbeiros, carpinteiros, comerciantes, cozinheiros, domésticas, ferreiros, funileiros, jornalistas, lavadeiras, maquinistas, marceneiros, marmoristas, mecânicos, mendigos, operários, padeiros e pedreiros. No espaço rural, os imigrantes italianos estabeleceram-se, sobretudo, em oito colônias: São Domingos, Municipal, São Simão, Affonso Pena, São Luiz, Mariana, Santo Amor, Maciel e São Zacharias.

⁴ Nesse contexto, três instituições luteranas disputaram o espaço no Rio Grande do Sul. A primeira delas foi constituída com a chegada da imigração: as igrejas luteranas independentes. Elas não possuíam vinculação oficial com nenhuma organização superior, na tentativa de estabelecer autonomia no processo imigratório, abandonando a opressão vivenciada na terra de origem e elegendo um pastor e professor para realizar reuniões religiosas e a iniciação escolar (Teichmann, 1996). A segunda a se instalar no estado, em meados do século XIX, foi o chamado Sínodo Riograndense (atual IECLB) (Dreher, 2000), que não investiu fortemente na região meridional e tinha sua sede na Alemanha. Por fim, o Sínodo de Missouri (atual IELB) se instalou na região meridional em 1900, com origem norte-americana. Todas essas instituições disputam fiéis no contexto, defendendo as suas práticas e doutrinas (Weiduschadt, 2007), e ainda hoje atuam na região, tendo maior número de fiéis as igrejas independentes.